

BRASÍLIA E O
MITO DA TERRA
PROMETIDA:
A ÊNFASE DO
DISCURSO
MITOLÓGICO
ATRAVÉS DO
CINEJORNAL

[ARTIGO]

Andreza Lisboa da Silva

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O artigo tem como objetivo compreender o discurso mitológico presente na fundação de Brasília, através da análise do Cinejornal Brasília edição 20. O texto também apresenta como o plano de integração da capital foi organizado, o aspecto mítico designado à concepção do projeto e a constituição dos cinejornais no governo de Juscelino Kubitschek. O método de investigação foi análise do discurso, segundo os estudos de Milton José Pinto (2002).

Palavras-chaves: Mitologia política. Imaginário. Brasília. Cinejornal.

This paper aims to understand the mythological discourse presented in the foundation of Brasilia by analyzing the 20th edition of the "Cinejornal Brasilia". It also shows how the capital integration plan was organized, the mythical aspect assigned to the project design, and the creation of newsreels in the Juscelino Kubitschek's mandate. The method of investigation was speech analytics, according to the studies of Milton José Pinto (2002).

Keywords: Political mythology. Imaginary. Brasilia. Newsreel.

El trabajo tiene como objetivo comprender el discurso mitológico presentado en la fundación de Brasília, mediante el análisis del Cinejornal Brasilia edición 20. El texto también muestra cómo organizó el plan de integración de la capital, el aspecto mítico asignado al diseño de los proyectos y la creación de noticiarios en el gobierno de Juscelino Kubitschek. El método de investigación fue análisis del discurso, de acuerdo con los estudios de Milton José Pinto (2002).

Palabras clave: Mitología política. Imaginario. Brasilia.

INTRODUÇÃO

Uma terra fértil e abundante para os que ali desejam viver, mesmo com todas as adversidades naturais apresentadas. Essa é a referência mítica, e até histórica, designada à terra de Canaã, que hoje se constitui como a Palestina, localizada no Oriente Médio, em um trecho do chamado “Crescente Fértil”, entre as terras do Egito e Mesopotâmia. A expressão “terra que mana leite e mel” se atribuía ao cultivo de produtos no solo palestino que, segundo explica Auzou (1970), apresenta um terreno geograficamente acidentado, com temperatura de oscilações desiguais e um solo umedecido graças ao recorrente índice de chuvas no local, mas ainda assim, tinha um desempenho regular nas produções agrícolas necessárias ao desenvolvimento do lugar.

A inospitalidade e escassez da área não deixaram de reforçar a sua imagem sacralizada, carregada de uma mitologia como a Terra Prometida, e da qual se estende por variadas literaturas até os dias atuais. Aliás, essa significação repetida em diversas instâncias confirma a afirmação proposta por Mircea Eliade (1979) que os símbolos sempre estão presentes na atualidade psíquica do homem e, como tal, possibilitam uma infinidade de aberturas para outros mundos de significações muito mais vastos do qual se vive.

Nem mesmo o homem moderno, vivente sob a condição da historicidade, estaria livre de ser cercado das imagens e símbolos atribuídos de significação. “[...] a história não consegue modificar radicalmente a estrutura de um simbolismo imanente. A história

acrescenta continuamente novas significações, mas estas não destroem a estrutura do símbolo” (ELIADE, 1979, p. 157).

Estabelecendo uma proposição semelhante à condição de significados do pensamento simbólico, Edgar Morin (1999) aponta que o mito carrega consigo uma simbologia de forma imaginária e eventualmente com traços da realidade. Dessa forma, a narrativa mítica não só fala de situações vinculadas aos atributos criacionistas de um povo ou localidade, mas também se refere a traços de sua identidade, seu futuro e até de sua aspiração.

Em geral, as narrativas dos mitos “transformam a história de uma comunidade, cidade, povo; tornam-na lendária e, geralmente, tendem a duplicar tudo o que acontece no mundo real e no mundo imaginário para ligá-los e projetá-los no mundo mitológico” (MORIN, 1999, p. 175). Para o autor, o pensamento simbólico/mitológico deve ser visto como um duplo do pensamento racional/objetivo, já que ele aponta a impossibilidade do homem viver sem suas condições de afetividade ou subjetividade.

Roland Barthes (2009), ainda dentro da proposta do mito em sua acepção simbólica, atribui que a fala mítica é uma mensagem ou sistema de comunicação, capaz de ser apresentado por indistintos aspectos. Tudo pode ser mito, desde que seja possível de ser formado por um discurso. Ele procura não defini-lo pelo “objeto de sua mensagem, mas pela maneira como a profere: o mito tem limites formais, contudo não substanciais” (BARTHES, 2009, p. 199).

Não necessariamente o mito precisa ter um formato oral, mas também pode ser representado por elemento da escrita ou representação – como foto, filme, reportagem e espetáculo. No final, esses objetos servem de apoio ao que está estabelecido na mensagem mítica. A concepção do mito dentro da lógica discursiva traz um ponto de cruzamento com a perspectiva histórica, já que o “mito é uma fala escolhida pela História: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas” (BARTHES, 2009, p. 200).

A referência do mito como proposta discursiva para a apresentação de uma determinada mensagem será o ponto de encadeamento teórico do trabalho, utilizando como linha metodológica as bases da Análise do Discurso sugerida pelo autor Milton José Pinto (2002). Segundo sua proposta, a Análise do Discurso “não se interessa tanto pelo o que o texto diz ou mostra, pois não é uma interpretação semântica de conteúdos, mas sim em como e por que o diz e mostra” (Ibid., p. 27). Além disso, para esse tipo de análise ainda será considerado a apresentação do conteúdo imagético, já que “nas imagens encontramos intertextualidade, enunciadores e dialogismo, tal como nos textos verbais” (PINTO, 2002, p. 37).

Seguindo a ordem de condução analítica de Pinto (2002), a observação se valerá a partir das três funções básicas designadas pela linguagem verbal. A primeira delas consiste na função de mostra, em que se situa o tempo e espaço exposto na narrativa. A segunda função é a de interação que identifica as referências de interpelação estabelecidas com o receptor, no sentido de cooptá-lo e de agir sobre ele ou mundo pelo seu intermédio. Já a terceira função básica é a sedução que se trata de observar a posição de pessoas, coisas

“Tudo pode ser mito, desde que seja possível de ser formado por um discurso.”

e acontecimentos tomados em cargas valorativas - negativa ou positiva, sendo que uma dessas ordens pode ser mais ressaltada que as demais.

A observação do discurso mítico da fundação de Brasília no cinejornal ficará sob a perspectiva dessa ordem de análise, utilizando a fonte textual a partir da enunciação do narrador do vídeo e as imagens através dos registros captados pelas lentes do cinegrafista. Antes de avaliar o processo de apresentação discursiva, é necessário mostrar por qual aspecto se inseria o projeto de integração da capital federal na época, como se definia a visão mítica da cidade e em que formato se caracterizava a produção cinejornalística no período. ■

2. O PROJETO DE INTEGRAÇÃO DE BRASÍLIA

A ideia de integração do interior do país serviu de fator de condução para o processo de mudança da capital, a partir do suporte de teorias políticas e econômicas que demonstravam a vantagem de civilizar o Planalto Central. Segundo explica Nonato (2010), uma das ideias correntes é que o imenso vazio demográfico poderia causar uma série de problemas, especialmente com relação à segurança nacional, pois ficariam como alvos fáceis à dominação estrangeira. Além disso, outra suposição levantada é que uma nova região de povoamento aqueceria a economia nacional, à medida que “proporcionaria aumento do mercado interno com o desenvolvimento urbano, permitindo sustentar a industrialização” (NONATO, 2010, p.76).

Partindo dessa premissa desenvolvimentista, ainda durante sua candidatura em 1955, Juscelino Kubitschek (1956-1961) já anunciava suas intenções pela transferência da capital do Brasil, pois ele acreditava – assim como descreveu em sua biografia – que a mudança seria o instrumento desencadeador de um novo ciclo bandeirante, “fazendo com que todo interior abrisse os olhos para o futuro grandioso do país” (KUBITSCHKEK, 1975, p.9). Entretanto, importante destacar que JK nunca se colocou como o iniciador da ideia da transferência da capital, mas sim como seu intrépido executor.

A ideia da interiorização da capital do país era antiga, remontando à época da Inconfidência Mineira. [...] Pregada por alguns idealistas, chegou, mesmo, a se converter em dispositivo constitucional. No entanto, adesperto

dessa prolongada hibernação, nunca aparecera alguém suficientemente audaz para dar-lhe vida e convertê-la em realidade. Coube a mim levar a efeito a audaciosa tarefa. (KUBITSCHKEK, 1975, p.7)

O projeto da construção de Brasília, denominado como “Meta-Síntese”, foi um dos planos de alicerce do governo JK e efetivamente foi iniciado a partir do ano de 1957, conforme explica Ribeiro (2008), já que necessitou ser preparado durante todo o ano de 1956. Em apenas três anos e quatro meses, no dia 21 de abril de 1960, a obra foi inaugurada e estava com seus principais projetos realizados, porém ainda apresentava muitos aspectos inacabados e “restavam milhares de construções individuais a serem feitas e que foram realizadas no decorrer da existência da cidade” (RIBEIRO, 2008, p. 31).

Contrários ao projeto de edificação da nova sede da República estavam alguns grupos políticos, membros da imprensa e até populares incrédulos sobre o sucesso da empreitada em uma região árida e desértica. A criação de estratégias que legitimasse a construção e reafirmasse a importância de uma nova capital no território central foi uma das medidas de campanha governamental mais empregada por JK e seu grupo de aliados. Como argumenta Fonseca (2007, p. 171): “Para garantir sustentação, todo poder tem que se impor não só como poderoso, mas também como legítimo.” E nessa busca por legitimidade, o poder tende a empregar inúmeras disputas simbólicas através dos meios de comunicação.

Segundo explica Holston (1993, p. 27), para a campanha de legitimação, o governo “combinava uma mitologia do Novo Mundo e a teoria do desenvolvimento, associando a fundação da capital à fundação de um novo Brasil”. Outra medida de legitimação foi o emprego de uma ideia divinizada sobre a projeção da capital, em que se atribuiu uma inspiração sobrenatural para a concepção do projeto e se utilizou uma formação simbólica para a disposição do desenho das ruas (representado em forma de uma cruz). Contribuindo, dessa maneira, para a criação de uma visão mítica sobre a origem da cidade. ■

3. A CARACTERIZAÇÃO MÍTICA

O primeiro indício de uma visão mítica empregada ao projeto urbanístico da cidade aconteceu com relação à escolha do local, declarado oficialmente como profetizado por Dom Bosco – padre fundador da ordem dos Salesianos – ainda em 1883. De acordo com a profecia, Dom Bosco, durante viagem realizada à América do Sul, teve um sonho premonitório em que “vozes” o teriam alertado sobre o desenvolvimento e riqueza de uma grande terra antes jamais vista, localizada entre os paralelos 15 e 20 graus. O relato descrito pela passagem profética foi a seguinte:

“Entre os graus 15 e 20, aí havia uma enseada bastante extensa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. Nesse momento disse uma voz repetidamente: Quando se vieram a escavar as minas escondidas em meio a estes montes, aparecerá aqui a terra prometida, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível”. (NONATO, 2010, p. 112, itálico do autor)

A profecia ainda sugeria que a “Grande Civilização” seria vivida na terceira geração, sendo que esse período foi interpretado dentro de uma faixa temporal de 75 anos com relação à data original da predição, “o que estabelece o final dos anos 50 como a data em que a profecia se cumpriria: exatamente no momento em que Brasília foi construída” (HOLSTON, 1993, p. 24). De fato, todas essas situações reforçaram, assim, o presságio de uma situação que logo também seria confirmada por JK como um sinal irrefutável para justificar a criação de uma nova capital em terras antes exploradas.

Meditei sobre a Grande Civilização que iria surgir entre os paralelos 15° e 20° - justamente a área em que estava construindo, naquele momento, Brasília. [...] E a Terra Prometida, anunciada repetidamente, pela voz misteriosa, ainda não existia de fato, mas já se configurava através de um anseio coletivo, que passara a constituir uma aspiração nacional. "Ali, correria leite e mel!" A visão de Dom Bosco fora, de fato, uma antecipação, uma advertência profética sobre o que iria ocorrer no Planalto Central a partir de 1956. (KUBITSCHKE, 1975, p. 19)

Com grande habilidade, Lúcio Costa consegue dar ao plano de uma nova cidade a sugestão de uma fundação legendária, a aura dos símbolos sagrados, investindo Brasília com uma mitologia universal de cidades e de símbolos. [...] provendo Brasília de antecedentes mitológicos, ele disfarça seus precedentes históricos, eliminando a história do Brasil e da arquitetura moderna das ideias expressas no plano. (HOLSTON, 1990, p. 81)

Aliado ao discurso profético do local da construção, ainda se utilizou uma nova formação mitológica para o projeto arquitetônico da cidade, concebido pelo arquiteto Lúcio Costa em 1957, vencedor de concurso realizado pelo Governo Federal para definir qual estrutura de organização urbana seria construída em Brasília. Segundo conta Holston (1990), a justificativa de Costa para a concepção do Plano Piloto foi que ela apareceu como resultado de uma inspiração divina, em que ele foi condutor de uma visão que lhe surgiu já pronta.

Durante a demonstração do projeto, Lúcio Costa não trouxe detalhes conceituais do seu plano aos jurados, desconsiderando "nenhuma linha de desenho técnico, nenhuma maquete, estudos de uso da terra, mapas demográficos ou esquemas para o desenvolvimento econômico ou organização administrativa" (HOLSTON, 1990, p. 70). Na verdade, o diferencial de seu plano deve - se mais por ele atribuir que suas ideias derivaram de um ato iluminado e, por isso, já devidamente sacralizado.

Outro fator de reforço para a fundação mítica de Brasília também se constitui no formato planejado do Plano Piloto, designado pelo cruzamento de dois eixos que relembram a figura de uma cruz. O próprio uso dessa formação é relatado por Costa durante o primeiro artigo de seu documento, em que descreve como "o plano nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz" (HOLSTON, 1990, p. 77).

Por este conjunto de atribuições, sobre como a fundação da capital está toda encadeada em uma concepção de bases divinizadas, reverte-se a explicação do que realmente se justificaria a partir de motivações históricas para uma condição de fator naturalizado. Aliás, é justamente devido a essa substituição do fator histórico pelo natural é que Holston (1990) propõe o surgimento das bases institucionais dos mitos de fundação. Ou seja, ele designa que os mitos de fundação são gêneros de narrativa constitutivos de formas e funções sociais, levado às circunstâncias como meios para legitimar a ideias de grupos e pessoas específicas.

4. OS CINEJORNAIS NA ÉPOCA DE JK

Como instrumento de legitimação, os mitos de fundação representam os interesses de pessoas e grupos sociais específicos, em geral aqueles que os narram, contra o interesse de outros. [...] Apresentam como se fosse naturalmente dado ou recebido – como sagrado, eterno, ideal ou universal – um conjunto de acontecimentos e de relações, que, na verdade, são produtos da história. (HOLSTON, 1990, p. 73)

Neste sentido, dando impulso ao modo de representação do projeto de Brasília, o governo se cercou de todo o aparato propagandístico possível da época, a fim de justificar a construção da nova capital que, somente para a sua etapa preparativa, “mobilizou em torno de 2 a 3% do PNB (Produto Nacional Bruto) do período” (NOLLI, 2010, p.12). Os cinejornais e os filmes institucionais levavam ao grande público do país as imagens em movimento do processo de construção, atuando como um dos recursos comunicacionais mais utilizados no período. ■

Filme jornalístico, de curta duração e com roteiro pré-concebido, os cinejornais concentravam o seu conteúdo nos acontecimentos mais importantes da semana. No Brasil, eles eram exibidos obrigatoriamente antes das sessões de longas metragens, a partir do Decreto nº 21.240/1932, instituído pelo presidente Getúlio Vargas, que tornava legal a prática dos cinejornais em todo país.

Em média, cada cinejornal apresentava uma série de quatro a sete reportagens e possuía uma duração geral de seis a oito minutos. As notícias mais importantes da semana ganhavam destaque nas lentes destes semanários e a quantidade de temas escolhidos para as matérias variavam de acordo com a opinião de quem produzia ou ainda conforme a relevância do assunto para um determinado momento.

Em algumas vezes, um único fato era abordado nos cinejornais, representando uma cobertura especial sobre um evento específico como desfiles, posses militares ou campeonatos de futebol. A regra fundamental para a veiculação dos vídeos é que eles deveriam ser feitos a partir da perspectiva de quem concentrava o poder nas mãos, seja a elite dominante ou as autoridades políticas.

Naturais e cinejornais abordam assuntos locais, o futebol, o carnaval, as quermesses, a melhoria das rodovias, as inaugurações, as vantagens de uma fazenda ou de alguma fábrica quando os donos querem valorizar seu nome, uma figura política, alguns grandes acontecimentos políticos, a revolução de 1924, de 1930, sempre apresentados do ponto de vista de quem fica com o poder (senão a política ou Estado Maior não autorizam a exibição). (BERNARDET, 2009, p. 38)

No fim da década de 1950, durante o governo JK, mesmo com a irregular produção da atividade cinejornalística, diversas produtoras ainda foram contratadas pelo governo federal para registrar a construção de Brasília. De acordo com Maria Bizello (2008), algumas empresas contratadas no período foram a Libertas Filmes, a Jean Manzon Films e a Persin Perrin, sendo que os vídeos gravados constituíam-se como peças de divulgação da Revista Brasília que era uma das publicações organizadas pelo órgão estatal da Novacap.

Ana Gomes (2013) indica que não há um número exato sobre a quantidade de cinejornais produzidos pelo financiamento da Novacap. A estimativa é de que o acervo compreenda uma média de 24 a 38 vídeos. Para este artigo, o cinejornal utilizado como objeto de análise é classificado com o número 20 e a sua realização ficou a cargo da Agência Nacional, criado em 1946 no governo de Getúlio Vargas em substituição ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

A obra escolhida é datada de 1958, possui 9 minutos e 20 segundos e contou com a participação de Romeu Pasqualine (execução das filmagens), Maurício Vaitsman (elaboração dos textos) e Alberto Curi (narrador do vídeo). Sem um título iniciante, esse cinejornal é todo centrado na apresentação das obras finalizadas e as que estão em andamento em Brasília.

5. O DISCURSO MITOLÓGICO NO CINEJORNAL BRASÍLIA Nº 20

A demarcação do espaço-temporal da narrativa é mostrada pelo emprego de termos que contrastam a antiga realidade da cidade (uma terra inabitada) com uma mais moderna (em condições de povoamento). Em várias passagens, a narrativa sempre traz o comparativo de desenvolvimento da capital, a partir da perspectiva outrora encontrada em seu cenário, como “É o aeroporto de Brasília, uma das primeiras construções do vazio demográfico que antes existia no sítio escolhido para a nova capital” (CINEJORNAL BRASÍLIA, N.20, 1958).

Além de mostrar o espaço designado para as obras, ainda são enfatizadas as condições naturais da cidade que são atribuídas como favoráveis e proveitosas para a formação de uma nova civilização. Assim como demonstra o seguinte trecho do vídeo: “Em Brasília, a terra é dadivosa e boa. E como diria o primeiro cronista do Descobrimento do Brasil [...], “em se plantando dar-se-á nela tudo”, como está sendo provado pelo os que a cultivam com técnica e carinho” (CINEJORNAL BRASÍLIA, N.20, 1958). Aliás, para esse momento, o argumento de terra santificada e dadivosa vem agora atribuído pela Carta de Pero Vaz, primeiro documento histórico do país, que carrega uma conotação também mítica e fabulosa sobre a paisagem brasileira.



Figura 1: Palácio da Alvorada enfatiza desenvolvimento da cidade
Fonte: CINEJORNAL BRASÍLIA, N. 20, 1958

A relação temporal aparece, em alguns momentos, a partir do contraste da condição antiga da região com o cenário recente, ou seja, o tempo também é demarcado pelo jogo de oposição passado versus presente, sempre colocando a condição mais atual como um fator desenvolvido e em franco crescimento. Como descrito no trecho: “Os outrora desolados chapadões, menos de dois anos atrás, surge agora os bairros cheios de vibração” (CINEJORNAL BRASÍLIA, N.20, 1958).

O marco de tempo na narrativa também se mostra como elemento de destaque para anunciar sobre a rapidez da construção do projeto e a garantia de entrega da capital na data prevista. Como pode ser visto neste trecho: “Em um ano e meio de trabalho, ergueu-se a obra-prima do gênio de Oscar Niemeyer: o palácio da Alvorada, residência oficial do chefe da nação e marco monumental da conquista do Planalto” (CINEJORNAL BRASÍLIA, N.20, 1958).

A função de interpelação com o público fica manifesta pelo uso de frases assertivas e estruturalmente invertidas em sua forma linear (posição de sujeito + predicado). Em alguns momentos, a quebra da frase é para evidenciar ao público sobre de qual lugar que se fala no vídeo, como em: “Surge aqui, a Praça dos Três Poderes, onde ficarão os ministérios, as autarquias e a catedral” (CINEJORNAL BRASÍLIA, N.20, 1958). De certa forma, a reiteração do espaço na ordem textual se justifica ao se mostrar uma região ainda desconhecida pela maioria da população, que tem a oportunidade de ver suas imagens em movimento a partir dos cinejornais.

O caráter de sedução fica evidenciado logo no início do vídeo, em que são mostrados dois quadros com letreiros, referindo-se o primeiro sobre o anúncio da predição de São João Bosco e o segundo sobre a confirmação de Brasília como o lugar predito pelo santo. Neste momento, já é possível notar o tipo de caracterização no cinejornal dado à nova capital, reconhecida como um “sonho secular” e que “simboliza esplendidamente dinamismo, a inteligência e o patriotismo do povo brasileiro” (CINEJORNAL BRASÍLIA, N.20, 1958).

“Os outrora desolados chapadões, menos de dois anos atrás, surge agora os bairros cheios de vibração”

Em mais de um trecho do vídeo, a revelação de Dom Bosco aparece como elemento de certificação da escolha certa e incontestável para a nova sede do Brasil. Se no letreiro inicial do vídeo, o espectador conhecia o relato da profecia, a partir das imagens fica evidente como isso se confirma na realidade, a partir da constatação dos atributos naturais de Brasília que a determina como realmente o local profetizado.

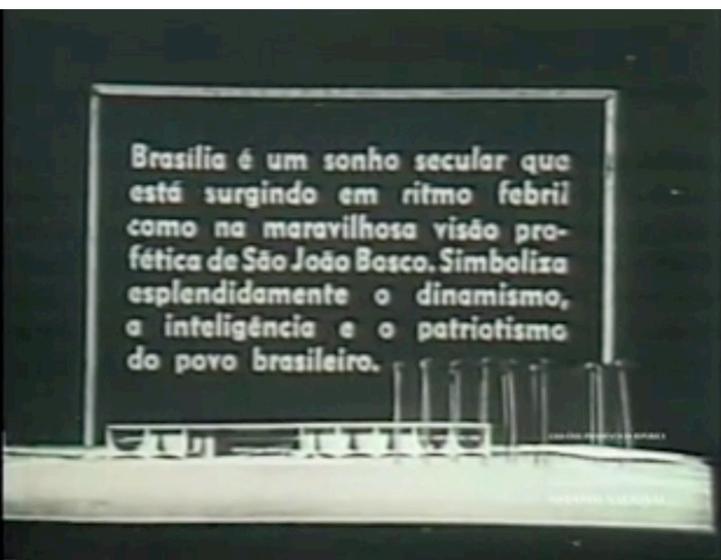


Figura 2: Letreiro inicial atesta profecia de D. Bosco sobre Brasília
Fonte: CINEJORNAL BRASÍLIA, N. 20, 1958

Na verdade, o discurso panegírico é algo que vai permear toda a narrativa. Cada obra descrita no texto é sempre mencionada por uma atribuição elogiosa, ressaltando não só a beleza estrutural do monumento, como também a sua condição de empreendimento moderno e, acima de tudo, seu caráter internacional e capaz de se igualar a grandes projetos do exterior. Como, por exemplo, é possível identificar neste trecho: “A segunda grande construção fora do Plano Piloto de Lúcia Costa foi o Brasília Palace Hotel que rivaliza com os melhores do mundo” (CINEJORNAL BRASÍLIA, N.20, 1958).

Somado ao elemento textual, a apresentação imagética também é operada com cuidados específicos, complementando a reiteração do discurso mitificado e sacralizado da construção de Brasília. Os grandes planos gerais dominam a projeção e sempre focalizam as estruturas dos prédios em fase de construção na cidade. Embora o ambiente seja dominado por grandes vazios territoriais, os planos sempre privilegiam o enfoque do que se já tem construído e a narração explica a continuidade do andamento do processo pelo uso contínuo de expressões verbais no gerúndio.

O registro do cenário natural de Brasília é realizado em diversos momentos da gravação e essas imagens servem como apoio visual para os trechos em que se faz a alusão da cidade com a profecia da Terra Prometida. A abundância de uma terra fértil e rica de recursos naturais é o elemento explorado pelas imagens, especialmente no trecho em que são mostrados os agricultores manejando a terra para o plantio. Assim como, quando se evidencia o grande afluente que banha a região e será o responsável pela formação da barragem da usina elétrica do local.



Figura 3: Recursos naturais ressaltam a abundância fértil do solo
Fonte: CINEJORNAL BRASÍLIA, N. 20, 1958

Quando figuras políticas, especialmente o presidente Juscelino, são mostradas nas imagens, as atenções das câmeras se voltam para esses indivíduos, privilegiando as capturas feitas pela perspectiva de baixo para cima (tendendo ao eixo de sua postura). Nesses quadros, as autoridades sempre aparecem com ações resolutivas, como se estivessem conferindo o andamento dos projetos ou participando ativamente das decisões administrativas das obras. Os outros elementos humanos capturados constituem-se na massa de trabalhadores que sempre são visto em atividade, ou ainda, a aparição de algumas famílias de pioneiros já residentes na cidade.



Figura 4: Presidente Juscelino aparece como participante ativo da construção
Fonte: CINEJORNAL BRASÍLIA, N. 20, 1958

A pouca movimentação de câmera deduz a fixação do aparelho em algum suporte, já que os breves momentos em que ela se move acontecem quando o registro é feito dentro de um carro ou avião. A trilha sonora muda em três momentos do vídeo: o primeiro quando se mostra a condição do reservatório de água e o cenário paisagístico local, o segundo momento quando é focada a parte das construções e obras já levantadas, e o terceiro no trecho de narração final quando se faz uma síntese da significação do trabalho desempenhado em Brasília e de sua importância para o desenvolvimento da nação.

O encerramento do vídeo ainda carrega o mesmo atributo de louvor persistente em toda obra, contudo ele faz uma síntese da representação do projeto de Brasília para o crescimento do país. O discurso de integração nacional é retomado no final da narrativa, aliando a este fator uma postura desenvolvimentista que também se faz presente como um dos grandes lemas do período de governo de JK. Especialmente visto na seguinte sentença, “uma grande civilização, cujas benesses não de se espalhar de forma equitativa por todo o imenso território nacional, unindo e engrandecendo cada vez mais os brasileiros na comunhão dos ideais de ordem e de progresso” (CINEJORNAL BRASÍLIA, N.20, 1958). ■

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sem o conhecimento exato de quantos cinejornais foram produzidos pela NOVACAP, especialmente para o enfoque das obras no terreno de Brasília, é possível observar o cuidado e atenção primorosa do órgão no financiamento audiovisual de materiais que elevassem a condição do significado do projeto de construção ao grande público. Especificamente quanto ao uso do cinejornal da Revista Brasília número 20, deve-se destacar a riqueza visual e textual da obra em reunir diversos fatores representativos da política de Juscelino Kubitschek em seu ato de convencimento à nação sobre a transferência da sede do governo federal para, até então, uma terra inóspita e demograficamente vazia.

A ênfase no desempenho acelerado dos trabalhadores somado ao deslumbramento das transformações do lugar aparece em quase todos os momentos do vídeo, com o objetivo de ressaltar a viabilidade e clareza de um projeto que trouxe um impacto inflacionário aos cofres públicos – “de 12,2% em 1958, a inflação alcançou em 1961 o patamar de 38,1%” (NOLLI, 2010) - e resultou em uma grave condição de déficit ao governo federal – “de 80,8% em 1958 foi para 137,5% em 1961” (NOLLI, 2010). Afinal, como defende Oliveira (2006), “a futura capital em construção numa região isolada demonstrava o arroubo do governo, reforçava a imagem mítica do começo e contribuiu em muito para o clima de ufanismo, de confiança no futuro naqueles ditos anos dourados”.

Para o país, que ainda na década de 1950 estava se adequando à chegada da televisão nos lares, os cinejornais

cumpriam uma importante tarefa na divulgação de imagens em movimento dos principais acontecimentos nacionais, inclusive da transferência histórica da sede do governo federal que já era vislumbrada desde o século XVIII. A apropriação de um discurso positivista e entusiasta de Brasília ganha impulso nas lentes desses semanários jornalísticos, que reforçariam o segmento textual da narrativa a partir de uma seleção rigorosa das imagens gravadas.

Se as intenções políticas e econômicas para o projeto da capital não eram diretamente declaradas no vídeo, o mesmo não se confirma sobre a áurea mítica e sacralizada instituída ao seu surgimento. A profecia de São João Bosco é reiterada em alguns trechos da narrativa como uma justificativa suficiente e credível na escolha da cidade, e as imagens – “autênticas” e “incontestáveis” – estariam para confirmar a certeza de sua predição. Além do conteúdo imagético, o trabalho da edição e o acréscimo da sonoplastia também ajudam a alimentar esse jogo intencional e direcionado do governo.

Acrescido ao item profético, outras representações também contribuíram na instituição sacralizada da origem de Brasília. Por um lado, tem-se a inspiração sobrenatural da concepção do Plano Piloto formulada pelo arquiteto Lúcio Costa, e por outro, tem-se o planejamento do desenho paisagístico de suas ruas em um formato de cruz. A citação desses elementos como condicionantes “naturais” para a criação da cidade aponta o inegável uso do discurso mitológico como elemento de convencimento ao público. Aliás, se de acordo com Almino (2007, p. 300), os “mitos não se destroem facilmente; sobrevivem à própria realidade material”,

84 Brasília e o mito da terra
prometida [EXTRAPRENSA]

eis talvez a necessidade de se utilizar argumentos que iam mais além do regime de racionalidade. Saindo do curso da história para uma fonte mítica dos acontecimentos. ■

[ANDREZA LISBOA DA SILVA]
Publicitária Jornalista e mestranda do Programa
de Mestrado em Comunicação da Universidade
Estadual de Londrina, UEL
(<http://lattes.cnpq.br/3781357564380628>).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUZOU, George. A tradição bíblica. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

BARTHES, Roland. Mitologias. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

BERNARDET, Jean-Claude. Cinema brasileiro: propostas para uma história. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BIZELLO, Maria Leandra. Entre fotografias e fotogramas: a construção da imagem pública de Juscelino Kubitschek. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes - Unicamp, 2008.

ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos. Lisboa: Coleção Artes e Letras/ Arcádia, 1979.

GOMES, Ana Lúcia de Abreu. Brasília nos filmes da Novacap. In: X Encontro Regional Sudeste de História Oral, 2013, Campinas. Anais... Campinas: Unicamp, 2013.

HOLSTON, James. A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia. Tradução Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

KUBITSCHKEK, Juscelino. Por que construí Brasília. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1975.

MORIN, Edgar. O método III: o conhecimento do conhecimento. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2009-2013.

NONATO, Alexandre Ferreira. JK e os bastidores da Construção de Brasília: sob a ótica da Conscienciologia. Foz do Iguaçu: Associação Internacional de Editores, 2010.

PINTO, Milton José. Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos. 2ª ed. São Paulo: Hackers Editores, 2002.

RIBEIRO, Gustavo Lins. O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: editora Universidade de Brasília, 2008.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ALMINO, João. O mito de Brasília e a literatura. Revista Estudos Avançados. São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 21, n. 59, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10224> Acesso em 27 abr. 2014.

NOLLI, Joana D'arc Moreira. O processo de planejamento e o sistema político brasileiro nos anos de JK. Site Dia a Dia Educação. 2013. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Historia/artigos/planodemetas.pdf Acesso em 10 mai. 2014.

OLIVEIRA, Márcio. O ISEB e a construção de Brasília: correspondências míticas. Sociedade e Estado. Brasília: v. 21, n. 2, p. 487 - 512, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v21n2/a08v21n2.pdf> Acesso em 20 mai. 2014.

Cinejornal Revista Brasília. N. 20. Cinegrafista: Romeu Pasqualine. Redator: Maurício Vaitsman. Narrador: Alberto Curi. Brasil, 1958. 1 vídeo (09' 59"), sonoro, p/b. Disponível: http://zappiens.br/portal/VisualizarVideo.do?_InstanceId=0&_EntityIdentifier=cgigkA1QX87ut82j0bgpLZmKXPQ6Ra31XPGRf37F0WRa0E.&idRepositorio=0&modelo=0 Postado em 30 ago. 2010. Acesso 20 abr. 2014.